Utilidade e Virtude: O homem smithiano na Teoria dos Sentimentos Morais

Paulo Berti de Azevedo Barros, Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Victor Gabriel Lima Isper, Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo: Adam Smith é popularmente associado ao pensamento utilitarista, essa interpretação vem especialmente do foco dado a alguns de seus juízos no livro A Riqueza das Nações. A proposta desse estudo é investigar o sentido de continuidade de sua obra principal com seu livro de filosofia moral Teoria dos Sentimentos Morais, questionando em que medida essa proximidade é válida e se há uma maior conexão com uma vertente ética mais aristotélica. A interpretação de Smith é importante para que haja uma leitura condizente com a proposta do autor, impactando assim as áreas que tangem a história do pensamento econômico e a economia política. A partir de um levantamento bibliográfico e análises críticas de seus escritos, bem como seus intérpretes e possíveis influências acadêmicas, fizemos uso do método histórico-dedutivo buscando respeitar o contexto da produção das ideias. O objetivo deste estudo é a realização de uma análise crítica da ética smithiana, levando em consideração sua obra como todo, seu viés e contexto histórico e por fim sua relação com as teorias morais e éticas que eram vigentes em seu tempo e que vieram a se desenvolver posteriormente.
Palavras-chave: Adam Smith, Teoria dos Sentimentos Morais, Ética da Virtude.

Abstract: Adam Smith is generally associated with the utilitarian thought, that interpretation comes especially from the focus given to his judgements on the books The Wealth of Nations. The purpose of this study is to use the sense of continuity of his main work with his moral philosophy from the book Theory of Moral Sentiments, questioning whether this proximity is valid or if there is a greater connection with a more aristotelian ethical aspect. A reliable interpretation of Smith is important so that there is a consistency with the author's proposal. This is impacting the areas that concern the history of economic thought and political economy. The methodological strategy carried out is based on a systematic bibliographic survey and critical analysis of his writings, as well as his interpreters and possible academic influences from the historical-deductive method. The objective of this study is to carry out a critical analysis of Smithian ethics, taking into account his work as a whole, its historical bias and context and finally its relationship with the moral and ethical theories that were in force in his time and that came to be developed later on.
Keywords: Adam Smith, Theory of Moral Sentiments, Virtue Ethics.

Área 1: História do Pensamento Econômico e Metodologia
Modalidade A: Sessões ordinárias

1. Introdução

Adam Smith foi um filósofo e economista escocês nascido no início do século XVIII, em Kirkcaldy, filho de funcionário público e descendente de proprietários de terra no condado de Fife, foi estudante nas escolas de Glasgow e Oxford. Na Escócia estudou os clássicos greco-romanos, matemática, filosofia e teologia, teve grande influência de seu professor Francis Hutcheson, teórico protestante de filosofia e direito natural. Terminou sua graduação na Inglaterra, com uma menor influência em sua formação por conta do viés religioso anti racionalista que imperava na instituição de Oxford na época (CANNAN; 1996), mais tarde se tornou docente nas duas universidades.

Smith foi posteriormente intitulado como pai da economia moderna por sua *magnum opus* "Uma investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das nações", onde estabeleceu princípios que fundamentam conceitos chave da teoria econômica conhecida hoje. Foi um dos primeiros a tratar da economia como um objeto de estudo emancipado da filosofia, sendo um divisor de águas nesse sentido.

Na obra é feita uma análise de como o mercado se comporta, tanto pela ótica da produção, quanto do consumidor e suas relações com a moeda, valor e diversos fenômenos da economia, é em essência uma teoria do crescimento econômico, conceituada em torno da produção de uma nação em relação a sua população e o montante de trabalhadores empregados. Tópicos como o papel da competição no mercado, a divisão do trabalho e a mão invisível são introduzidos no debate acadêmico por esse manuscrito, que foi futuramente debatido pelas gerações subsequentes de economistas. A contribuição de Smith para o debate perdura por séculos como relevante e possui caráter seminal para os estudiosos do campo (HUNT; 1996).

Segundo Bianchi (1998), a Economia Política surgiu do pensamento de filósofos rotulados como éticos ou moralistas, por conta do seu pensamento voltado ao estudo dos componentes normativos do comportamento humano, o que naturalmente implica que o viés e as tendências filosóficas que influenciaram esses autores na dita "pré história da economia" tiveram impacto direto na perspectiva adotada pelos primeiros teóricos do campo, bem como em seus intérpretes e posteriormente na ciência econômica contemporânea.

O próprio pensamento de Smith exemplifica e evidencia a afirmativa de Bianchi, ao pensar as relações econômicas observando as dinâmicas sociais consequentes da moralidade e dos sentimentos morais. Há a noção de que práticas virtuosas e morais são em certo nível necessárias para uma estrutura de sociedade que permita as relações econômicas e que essas práticas podem ser catalisadoras do crescimento econômico. Entender os conceitos de moralidade, virtude e sentimentos em Adam Smith, consequentemente, é prolegômeno da investigação aprofundada da

sua teoria econômica. (CANNAN; 1996)

Por conta dessa inferência, existe a necessidade da contextualização do pensamento econômico smithiano, não somente com os pensadores do seu tempo, mas também com suas influências intelectuais, com o momento em que suas ideias foram escritas, a realidade em que Smith estava introduzido, e principalmente com com sua teoria de agência humana presente no livro "A teoria dos sentimentos morais" (TSM). McCloskey (2007) aponta Smith como o "último ético da virtude" e traça um contexto amplo das influências a que esteve submetido, incluindo o fato de que a ética da virtude estava em disputa com outras correntes éticas. Mesmo assim é comum atribuir à Smith a condição de precursor do utilitarismo apontando que o uso de termos presentes na filosofia estóica em seus escritos indicaria a intenção de um sistema compatível com a abordagem utilitarista (ROSEN; 2005).

A conexão entre esses dois livros, TSM e a Riqueza das Nações, é sugerida implícita e subjetivamente por serem as obras mais relevantes de Smith. Bianchi (1998), por exemplo, considera a Riqueza das Nações como continuação da TSM, Roncaglia (2005) em grande medida endossa esse pensamento, afirmando a necessidade de evitar um estudo enviesado do autor entendendo que uma complementaridade não conflituosa dos dois escritos é configurada por sua continuidade e para uma maior consistência de estudos e aspirando a uma leitura mais fidedigna quanto as ideias propostas pelo autor. No entanto, sabemos que existe um longo debate a respeito das diferenças entre a ideia de homem econômico em TSM e a Riqueza das Nações (MONTES; 2003). O "Problema do Adam Smith", como ficou conhecido, é relevante porque posiciona uma interpretação fragmentada do "sistema" smithiano, o que se revela agora com a publicação de suas correspondências que foram recuperadas e seus trabalhos que restaram postumamente. Smith em seu leito de morte exigiu que seus trabalhos incompletos e correspondências fossem queimados (MONTES; 2003).

A forma de se estudar a moralidade smithiana afeta diretamente a interpretação que se tem da análise do capitalismo apresentada na Riqueza das Nações, e consequentemente modifica a visão que se tem do liberalismo de Smith na economia política, por questões como o senso de mérito, distinção social e justiça, tópicos trabalhados na TSM e que são característicos da realidade política (FITZGIBBONS;1995).

A ponderação no estudo de Smith é necessária para que seja levado em consideração tanto o *homem simpático*, como o *homem egoísta*[1], que ao nosso ver, tem tido mais visibilidade na história do pensamento econômico.

---

[1] As expressões homem simpático e egoísta fazem referência aos enfoques apresentados por Smith em seus livros Teoria dos sentimentos morais e A riqueza das nações respectivamente.

> "***A obra econômica de Adam Smith é tão profundamente impregnada pelas preconcepções filosóficas correntes na Inglaterra do período das luzes e pelo cenário econômico da época em que foi concebida que, passados mais de dois séculos da publicação de A Riqueza das Nações, é impossível avaliar corretamente sua contribuição intelectual sem referência a essas influência (CANNAN;1996;14)***"

Tendo estabelecido a importância da releitura da TSM para compreensão do *homo oeconomicus* de Smith, é interessante salientar que, como estamos analisando, há uma corrente de pensamento vigente entre numerosos estudiosos que relaciona a filosofia moral de Smith à ética utilitarista de modo persistente.

> ***"It seems, therefore, that there is some hint of ideal utilitarianism present in what is predominantly a hedonistic utilitarian theory. 'Perfection' may simply mean the multiplication of the species, but it is much more likely to refer to the Stoic idea of man's place in the total system of the universe. It is at this point that Smith's moral ideals merge with his aesthetic or contemplative principles (CAMPBELL; 2009 ; 219.)"*** [2]

No trecho acima, Campbell descreve Smith como um "utilitário contemplativo" ou mesmo "utilitarista estoico".

Ainda que considere paradoxal tê-lo como utilitarista no sentido estrito do termo, seu texto indica acreditar em algo que parece mais um "proto utilitarismo" na melhor das hipóteses. Há um esforço de conciliar a visão idealizada de Smith em relação ao lugar do homem no sistema do universo, com o hedonismo utilitarista, cunhando um meio termo estranho aos princípios dessas duas ideias.

Apesar disso, é natural que haja a associação de Smith com pensadores utilitaristas, visto

---

[2] Tradução autoral: *"Parece, portanto, que há algum indício de um ideal utilitarista presente no que é predominantemente uma teoria utilitarista hedonista. "Perfeição" pode significar simplesmente a multiplicação das espécies, mas é muito mais provável que se refira à ideia estóica do lugar do homem no sistema total do universo. É neste ponto que os ideais morais de Smith se fundem com os seus princípios estéticos ou contemplativos"*.

que em conjunto com Hume, suas ideias prepararam o terreno filosófico em que a ética utilitarista viria a florescer, noção amplamente aceita e que será posteriormente desenvolvida neste ensaio.

Henderson (2006) aborda o respeito de Smith por Hume em vários pontos. Aponta em primeiro lugar a similaridade no argumento e conteúdo do segundo capítulo do primeiro tomo da Riqueza das nações com as ideias apresentadas por Hume tanto no Tratado da natureza humana quanto na Investigação do entendimento humano, descrito na citação a seguir:

> **"*Start with human nature; link human nature to all aspects of human behaviour; compare, using examples, human nature to animal nature, looking at similarities and differences, and reach conclusions about human relations and human institutions (HENDERSON; 2006;26).*"** [3]

A relação intelectual entre os dois é evidente não somente pelas semelhanças apresentadas e pela clara influência que os autores tinham entre si, mas pelo fato de estarem constantemente debatendo assuntos similares, sobre os quais se correspondiam frequentemente. Correspondências as quais Henderson (2006) se valeu para construir sua análise dos escritos de Smith ressaltando sempre as similaridades e concordâncias em detrimento das diferenças e divergências.

Ainda sobre Campbell, Valcarce (2016) analisa outro trecho como uma conexão clara de Smith ao utilitarismo ético, apontando trechos seguintes que corroboram com o teor dessa sugestão, apontando o Deus de Smith como "utilitarista de la regla"[4] , ou utilitarista de regras, classificação que é destinada a autores como Stuart Mill (URMSON; 1953).

> ***"Esto significaría, según su interpretación, que la utilidad es el meta-principio en Smith que actúa en el nivel contemplativo: cuando las personas adoptan el punto de vista del 'Ojo de Dios', cuando miran el todo desde fuera. Pero esto es exactamente lo que Smith, en su TMS, excluye: el espectador, quien define el punto de propiedad, está involucrado en la situación. El punto de Campbell, entonces, sería que al margen del razonamiento moral humano, "la felicidad de la***

[3] Tradução autoral: "Começa com a natureza humana; vincula a natureza humana a todos os aspectos do comportamento humano; compara, usando exemplos, a natureza humana com a natureza animal, observando semelhança*s e diferenças, e chega a conclusões sobre as relações humanas e as instituições humanas"*.

[4] Utilitarismo de regras, uma das vertentes do utilitarismo.

> ***humanidad, así como la de todas las otras criaturas racionales, parece haber sido el propósito original pretendido por el autor de la naturaleza" 59 . Y así, en consecuencia, Campbell termina afirmando que, en el sistema ético que propone Smith, Dios es utilitarista (probablemente un utilitarista de la regla) (VALCARCE; 2016; 290)." [5]***

Mesmo em manuais abordando o utilitarismo é possível encontrar claros apontamentos a Smith como um dos integrantes dessa corrente filosófica sem ressalvas, como podemos averiguar no capítulo introdutório ao utilitarismo de Tim Mulgan:

> **"*Ideias utilitaristas são encontradas em muitos filósofos ao longo dos séculos – dos antigos gregos até as principais figuras do Iluminismo Escocês (principalmente David Hume e Adam Smith)(MULGAN; 2012; 14)."***

Nesse trabalho, pretendemos apontar que a ética smithiana sendo estruturada ao redor da noção de virtudes aponta para uma maior proximidade de Smith à um pensamento mais clássico e aristotélico, contrapondo a corrente do citada que o associa à um viés majoritariamente próximo do pensamento utilitarista valendo-nos do método histórico-dedutivo com a análise e observação dos trabalhos publicados, assim como o conteúdo apresentado nas obras abordadas a fim de produzir uma síntese que almeja a tentativa de uma conclusão de forma mais consistente com a ortodoxia dos escritos de Smith e uma leitura mais coerente com a realidade do pensamento do autor. Contribuindo assim para uma interpretação talvez mais fidedigna da filosofia moral smithiana e por consequência contribuindo para o esforço de criar um panorama mais enriquecido para os estudos da Economia Política e da teoria econômica, da perspectiva dos autores clássicos e seus críticos.

---

[5] Tradução autoral: *"Isso significaria, de acordo com sua interpretação, que a utilidade é o meta-princípio de Smith que atua no nível contemplativo: quando as pessoas adotam o ponto de vista do 'Ojo de Deus', quando olham o todo de fora. Mas isso é exatamente o que Smith, na TMS, exclui: o espectador, que define o ponto de propriedade, está envolvido na situação. O ponto de Campbell, então, seria que à margem do raciocínio moral humano, "a felicidade da humanidade, assim como a de todas as outras criaturas racionais, parece ter sido o propósito original pretendido pelo autor da naturalidade" 59 . E assim, em consequência, Campbell termina afirmando que, no sistema ético que propõe Smith, Deus é utilitário (provavelmente um utilitário da regra)".*

2. Ética da virtude e utilitarismo

A ética da virtude e o utilitarismo são abordagens éticas distintas em fundamentos e natureza, por conta disso diferem na forma de avaliar a moralidade das ações e paixões do homem, sendo a ética da virtude mais antiga, tendo seus princípios estabelecidos desde os clássicos gregos, Aristóteles é frequentemente apontado como maior expoente desse pensamento por tê-lo sistematizado em sua obra Ética a Nicômaco. A noção da busca da excelência moral para formação de caráter e perseverar com hábitos virtuosos é parte vital da filosofia aristotélica, que exerceu influência na cosmovisão em grande extensão da história do pensamento humano, especialmente nos períodos patrísticos e escolásticos, como aponta Giovanni Reale (2005), adotando termos como filosofia aristotélico-escolástica ou chamando um viés aristotélico de tradição cristã (ANTISERI & REALE; 2005).

O estudo da ética fomentado ao redor da ideia de virtudes foi trabalhado por diferentes metodologias em diversos pensadores, que muitas vezes desenvolvem seus sistemas de pensamento usando virtudes e terminologias diferentes, tendo também diferentes propósitos e influências, que podem ser investigados especialmente pela forma com que são dispostas, porém todas possuindo suas teses centradas nessa ideia em comum.(MCCLOSKEY; 2007)

Em seu livro "A Ética da virtude" Hooft busca explicar a ética da virtude caracterizando-a em seus pontos principais, traçando um paralelo que a contrapõe à ética do dever. A princípio, Hooft (2013) afirma que a tarefa da teoria moral não é somente justificar e explicar as ações morais, mas também os juízos em relação ao outro, e então desenvolve que a ética da virtude satisfaz a necessidade do estudo da natureza humana, porque para definir o que é um bom homem necessita-se antes dizer no que o agir dele consiste.

Para Hooft, então, a ética da virtude está mais ligada ao agente que ao agir, a condição moral do agente importa tanto quanto ou mais do que o agir em si estar certo ou errado, a essência do *virtus*[6] reside mais na intenção se adotada no sentido ociental de disposição para fazer o bem. Exemplificando nessa linha de raciocínio: um homem que ajuda outro levando em consideração a humanidade de quem necessita e o que é certo a se fazer possui uma conduta mais ética do que o que exerce a mesma caridade por obrigação ou sem ter tido a livre escolha de o fazer, ainda que os dois ajam em benefício de outro, apenas um deles teve a genuína intenção virtuosa.

"Para os seres humanos, ser bom consiste em simplesmente agir

[6] Qualidade moral particular.

> ***corretamente pelas razões corretas. Mas essa é uma concepção fina de bondade. Ela define a bondade como pouco mais do que evitar atos ilícitos. O que, por outro lado, a ética da virtude coloca diante de nós são ideais de bondade para os seres humanos. Ela não pergunta o que seria moralmente correto tanto quanto pergunta o que constituiria a excelência humana (HOOFT; 2013; 25).”***

É perceptível então um caráter idealístico[7] do homem, há a definição de um parâmetro moral ideal para a agência e então é definido segundo a vontade do agente qual o caráter de seus atos. Em outras palavras, existe o certo a se fazer e é correto que se deseje fazer o certo por ser o certo. Hooft conclui que é característica da ética da virtude essa teorização do homem para então definir o que é seu comportamento de excelência no seguinte trecho:

> ***“Se o propósito de uma faca é cortar as coisas, então uma faca excelente é aquela que corta bem as coisas. Desta forma, entendendo-se em que consiste uma faca, e para o que ela serve, podemos definir o que seria uma boa faca. Da mesma maneira, se pudermos dizer em que consiste um ser humano, em termos da sua função, seremos capazes de dizer o que é ser um excelente ou bom ser humano (HOOFT; 2013; 25) .”***

O utilitarismo como corrente filosófica veio a surgir no final do século XVIII, munido de referências ao iluminismo no mesmo período histórico da TSM (MCCLOSKEY; 2007), apesar disso, a noção de utilidade como influência nos juízos morais e justificação de atos pode ser encontrado desde Epicuro (MULLER; 2022). Tim Mulgan (2014) apresenta em seu livro uma visão ampla do utilitarismo, suas diversas vertentes, suas aplicações e suas limitações. Para melhor exemplificação dos argumentos centrais, estaremos nos valendo dos tópicos que abordam Jeremy Bentham e John Mill.

> ***”O objetivo é o princípio utilitarista, ou princípio da máxima felicidade. O trabalho do legislador é utilizar o seu conhecimento da natureza humana***

[7] É importante salientar que a ideia de um estado ideal de caráter ou alma não implica que a perspectiva ética apresentada esteja deslocada da realidade, mas que há uma noção de como o homem é, como este homem age e como deveria agir ou ser.

> ***para criar leis que maximizem a felicidade do seu povo (MULGAN; 2012; 17).”***

Em Bentham, que é frequentemente intitulado como fundador principal do utilitarismo (GALVÃO; 2005), já é possível perceber a mudança do enfoque da moralidade com a introdução de seu princípio utilitarista. Mulgan interpreta o utilitarismo de Bentham na medida em que o legislador deve criar leis para que haja a maior felicidade do povo, tendo como objeto principal o ato do agente e como isso implica no bem comum. A utilidade do ato nada tem a ver com o caráter do agente, mas sim no que o ato implica. No estudo de Bentham também é apresentada sua visão hedonista nas relações morais da sociedade, tendo o prazer e a dor como base da moralidade, posição que inclusive pode estar análoga aos incentivos dos atos na TSM.

Em Mill se tem a mesma linha de raciocínio, ainda que em outros termos. O conceito de conhecimento apriorístico é negado, o radicalismo de Mill resulta em seu esquema de prova baseado na experiência, que é utilizado pelo filósofo para a prova do esquema utilitarista:

> ***“A prova de Mill tem três etapas-chave. 1) O movimento de “as pessoas desejam x” para “x é desejável”. 2) O movimento de “a felicidade de cada pessoa é boa para ela” para “a felicidade geral é um bem para o conjunto das pessoas”. 3) A afirmação de que a felicidade é o único fim: de que tudo o que desejamos ou é uma parte da felicidade, ou um meio para a felicidade. (Sem esse passo não provamos o utilitarismo, mas apenas a alegação fraca de que a felicidade é uma coisa boa – talvez uma entre muitas outras.) (MULGAN; 2012; 17)”***

Mill (2005) afirma que uma ação é correta se estiver de acordo com as regras morais corretas, e errada se as infringir, a regra final da moralidade é a busca da felicidade geral.

Para evitar ataques “espantalho” é interessante salientar que os pensadores utilitaristas nem sempre levam os axiomas propostos às últimas consequências, mesmo Mill afirma conscientemente que o pensamento moral não pode estar dominado por considerações fundamentadas no cálculo da utilidade (MILL; 2005), porém, a possibilidade de consequências avessas à moralidade do senso comum se dá devido à preocupação desses teóricos em buscar o bem comum, ou a maximização da “felicidade” da forma mais imparcial possível (GALVÃO; 2005).

O termo *utilidade* é muito eficaz para descrição das teses de todos os pensadores dessa corrente, visto que apesar da consistência semelhante da linha de raciocínio dos pensadores

utilitaristas, cada um tem sua definição de felicidade e diferem em suas defesas e provas, considerando que algumas de suas teses partem de princípios ainda disputados e conturbados no debate ético, ainda assim, é importante salientar que o conceito de felicidade de Mill coincide com o conceito hedonista, gerando outro ponto em comum entre as teses de Mill e Bentham.

> ***"Assim como Bentham, Mill é um hedonista. A felicidade é tudo que importa, e a felicidade simplesmente consiste no prazer e na ausência de dor. Ele o afirma muito claramente (MULGAN; 2012; 17)."***

Mill e Bentham advogam pelo dito "hedonismo total", ou seja, o bem estar está condicionado à aprazibilidade das experiências e essas experiências são boas ou más na medida em que conseguem ser aprazíveis, mas existem também outros sistemas onde o prazer proporcionado compartilha espaço com outras variáveis ou mesmo pode ser mensurado de uma forma menos crua e literal (GALVÃO; 2005).

Para fins explanativos e para guiar nossa investigação em Smith, baseado no que foi demonstrado por Hooft (2013) e Mulgan (2012) podemos considerar uma síntese da diferença das duas correntes no enfoque agente-ato: A moralidade enviesada majoritariamente na ética da virtude busca analisar primordialmente o caráter do agente, o motivo de seu agir e então classifica como legítima ou não sua atitude, o agente sendo protagonista na concretização do juízo de valor.

Já no caso da perspectiva utilitarista, o agir é tido como certo ou errado a partir de suas consequências, quanto maior o número de beneficiados, melhor, a utilidade superior é tida como preferível à inferior, em princípio todo ato que gera utilidade é correto e todo ato que subtrai a utilidade seria tomado como errado.

Temos os seguintes pontos temáticos como linhas gerais para as duas correntes de pensamento: para o utilitarismo a maximização da utilidade e o hedonismo moral, para a ética da virtude a idealização do homem e a relativização ao agente.

2.1 Ética aristotélica

Buscando um melhor entendimento dos conceitos apresentados por Hooft (2013) temos que vislumbrar um recorte de Aristóteles. O objetivo é também levar em consideração a clara influência

aristotélica na Teoria dos Sentimentos Morais, tanto pela terminologia[8] adotada em certos capítulos, como pelos conceitos utilizados em consonância com o grego.

Em seu livro Ética a Nicômaco, Aristóteles realiza um estudo sobre a atividade humana, suas tendências e normas que as conduzem em sociedade, sendo assim compatível com a ideia contemporânea de ética, na sua tese seu primeiro objeto é a finalidade dessas atividades, reconhecendo como finalidade maior a busca do homem pela felicidade ou realização plena (*eudaimonia*). A primeira problemática apresentada é a de que o ideal de felicidade pode ser diferente conforme as aspirações das pessoas, são apontados alguns exemplos como fama, dinheiro, conforto, dando assim múltiplos possíveis significados para a felicidade em questão. A resolução que o filósofo aponta é a correlação entre a felicidade e a razão, tendo em vista que para Aristóteles a forma[9] do ser humano é ser racional, exercer sua racionalidade incorre na felicidade por cumprir a a finalidade natural homem.(ASSUNÇÃO; SILVA, 2023)

Então a dita *eudaimonia,* o bem maior*,* somente seria alcançada pelo exercício perseverante e cotidiano das virtudes, que são um estado de índole na justa medida entre o excesso e a deficiência, como por exemplo a ambição, que em excesso é ganância e em falta é indolência. Ainda que outras finalidades para os atos sejam possíveis, algumas delas se tornam meios para que o bem maior seja alcançado.

A estrutura descrita é apropriada também para apontar o modo em que o agir ético se dispõe em dinâmicas sociais, dessa forma podemos perceber que a ética em Aristóteles será construída ao redor do conceito de virtudes, estas, enquanto finalidade do homem, a são porque são boas, o homem se satisfaz com o bem e o busca desde seus caminhos para que o estado de bem maior possa vir a ser.

> ***"Parece que tudo o que louvamos é louvado pelo fato de possuir certa qualidade e relação com alguma coisa; louvamos, de fato, os justos e os e os efeitos destas; e louvamos os de corpos vigorosos e pés ligeiros e outros porque possuem certas qualidades naturais e se encontram certa corajosos, aliás, os bons e a virtude [em si] em geral devido às suas ações relação com alguma coisa boa e séria. Esse ponto também se evidencia***

[8] Como exemplo disso, temos o terceiro capítulo da terceira seção da TSM, intitulado "*Da causa final dessa irregularidade dos sentimentos*" que faz clara alusão à uma categoria presente na metafísica de Aristóteles.

[9] Aquilo que faz o ente ser o que é.

> ***nos nossos louvores dirigidos aos deuses(...) não é à toa que classificamos os deuses como bem-aventurados e felizes e os homens que mais se assemelham a eles como bem-aventurados."*** [10]

No trecho acima é possível interpretar que o que faz o homem ser digno de louvor é o estado da magnanimidade nas virtudes, há um louvor do bom, do útil e do que é conhecido entre os estudiosos de Aristóteles como *potência.* Esse louvor que, como citado acima por Reale (2005), marcou presença no desenvolver da filosofia por séculos e certamente é razoável inferir que tornou-se parte do repertório de pensadores como Smith, que estiveram em contato com essa moralidade ao se dedicarem aos estudos da bem agir e ética (BERNS; 1994).

> ***"A grandeza de alma parece, portanto, ser uma espécie de ornamento majestoso das virtudes; ela as engrandece e não passa a existir sem elas. Consequentemente é difícil ser genuinamente grandioso de alma. De fato, isso é impossível na ausência de nobreza moral."*** [11]

Ao apontar a dificuldade de se alcançar esse estado de alma, podemos notar pela perspectiva de Aristóteles e pela natureza do surgimento da ética da virtude que é característica dessa corrente ética a relativização ao ser. Ética não para melhor análise do ato em si, mas para a melhor congruência com a realidade do agente.

A moralidade do agir habita na intenção do agente porque o que faz com que o ato seja correto ou errado não advém, nessa perspectiva, de suas consequências, ou mesmo da natureza da ação, mas da aspiração da alma à busca da realização por meio do exercício das virtudes, da nobreza do homem. Nesse sentido a justiça moderna pode ser cega, mas um juiz justo não o é.

2.2 Aristóteles em Adam Smith

A grandeza de Aristóteles como pensador e sua influência na filosofia ocidental dispensa introduções, seus textos têm prestígio acadêmico até os dias de hoje por suas contribuições em campos como a lógica, ética e metafísica. Sua influência em Smith deduz-se por conta de sua formação em Glasgow e Oxford, onde o contato com os clássicos da filosofia também fazia parte da grade de estudos, é possível encontrar estruturas semelhantes e traços no pensamento de Adam

[10] ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco, I, 1101b10 à 25.

[11] Ibid., IV, 2, 1124a1.

Smith que remetem à uma formação dotada de conhecimento da filosofia grega, em especial aristotélica.

Apesar da nossa investigação procurar evidenciar a forte conexão no pensamento ético e moral dos autores supracitados, a obra de Aristóteles abarca as mais diversas áreas, naturalmente por ser advinda de um polímata, e seus estudos também se aventuram pela observação do comportamento econômico. (ARISTÓTELES; 1985)

No livro Política, há a separação de dois ramos que hoje são estudados de forma mesclada pelos economistas, que são a crematística e a economia; o primeiro é definido pelas formas de acúmulo de dinheiro ou recursos para além da necessidade natural da manutenção da entidade doméstica. já a segunda, do estudo da disposição desses recursos para o bem comum do ambiente doméstico, ou cidade. Essa diferenciação permite uma maior liberdade para encarar a atividade econômica para além desse intuito cumulativo já estabelecido em nosso imaginário. (ARISTÓTELES,1985)

Um ponto em comum nos primeiros momentos de leitura nas obras principais desses autores é a rejeição da economia amoral. Pontes e Neiva (2025) vão afirmar que Aristóteles enxergava a prática da crematística como moralmente problemática em contraste com o que conceituou de economia, apontando uma não-naturalidade estrutural na primeira. Em Smith, a moralidade é necessária para que a economia se desenvolva de forma saudável, tanto porque ele enxerga as virtudes como necessárias para a geração de prosperidade, quanto pela sociedade de livre mercado ser baseada na confiança entre os agentes em sua última instância. (CANNAN; 1996)

Outro dos exemplos de consonância entre o pensamento aristotélico e o smithiano é a busca pela harmonia social[12], os dois teóricos abordam a relação humana em seus manuscritos tendo como idealizada uma sociedade onde há equilíbrio.

Na teoria de Smith (2015) as virtudes e vícios são pontos críticos em cima dos quais os espectadores constroem juízos morais em torno de seus próprios sentimentos e expectativas sociais, estes são analisados e estudados individualmente em suas respectivas categorias e implicações; Aristóteles (2014) trata as virtudes individualmente com o mesmo intuito, destrinchando suas características e manifestações, a ética aristotélica possui evidentemente objeto em comum de estudo.

No artigo “A amizade em Aristóteles: Política, III, 9 e Ética Nicomaqueia, VIII”, por Inara Zanuzzi (2010), é possível encontrar um debate sobre o fim (objetivo, finalidade) da pólis e da amizade em Aristóteles, onde o fim da pólis é viver bem e o fim da amizade é a convivência.

Por consequência, a constância e a presença do pensamento aristotélico se torna mais

[12] Ver a Teoria dos Sentimentos Morais, SMITH, 2015, p.148.

evidente na TSM, onde a simpatia, no sentido de se colocar no lugar do outro, se torna vital para a convivência em sociedade obedecendo a lógica e a finalidade da harmonia social. Na primeira seção do livro, Do senso da convivência, esse conceito é introduzido dentro do mesmo contexto:

> ***"Ainda que o homem seja egoísta, há três sentimentos que o levam a se interessar pela sorte do outro, piedade, compaixão e emoção ao presenciar ou imaginar a desgraça ante o próximo (SMITH; 2015;84)."***

A simpatia é adotada como uma disposição[13] (*hexis)* semelhante à amizade, pelo motivo de apresentarem o mesmo fim (finalidade) e a mesma função (funcionalidade) na sociedade.

Seguindo o raciocínio de uma visão de sociedade smithiana influenciada por Aristóteles, é possível perceber que o caráter hierárquico que o filósofo grego apresentava em suas obras gerou tendências na análise da virtude por classe social na filosofia moral de Smith.

Essa tendência pode ser evidenciada na terceira seção do primeiro livro da TSM, onde é afirmado que as virtudes de servir e agradar possuem diferentes finalidades em diferentes níveis de vida. Por isso o homem de vida inferior que tenta aparentar rico torna-se mais desigual, pois deixa de trilhar o caminho da virtude que lhe cabe, que muitas vezes é o mesmo do caminho da riqueza para os desprovidos, ao invés de simular uma devassidão que é vista com menor aversão quando advinda dos poderosos.[14]

Devido ao caráter amplo dos escritos de Aristóteles, é possível buscar outras formas de influência implícitas nas obras de Smith, mas para a finalidade deste estudo, o ponto principal de interesse de convergência entre os dois pensadores deve se dar no campo da ética e da política, conforme apresentado.

3. Utilitarismo em Adam Smith

Não se pode dizer que Adam Smith é um utilitarista sem efetuar recortes. Até porque o desenvolvimento do utilitarismo ético se consolidou como uma corrente da filosofia ética posteriormente à sua morte. Mas certamente há de se convir que suas obras serviram para desenvolvimento de teses que ao se inspirarem em Smith viriam a se tornar o utilitarismo moderno. Solange Marin, André Quintana e Cezar Santos (2011) em sua crítica ao utilitarismo tecem comentários sobre essas influências smithianas no que tange ao nosso estudo com maior enfoque da

[13] ZANUZZI, 2010, p.16

[14] SMITH, op. cit., p.150-155

utilidade como objeto da agência.

> ***"Smith reconhece que a utilidade exerce ampla influência no prazer que sentem os agentes e os espectadores quando contemplam sistemas bem engendrados. Esse é o princípio que recomenda a criação e manutenção de instituições voltadas para o interesse público, e promove o debate político, comercial e produtivo. Smith sugere persuadir o governante expondo a harmonia e a suavidade com que pode rodar a máquina de governo, se implantadas as medidas recomendadas, causando impacto estético. Essa é a mesma orientação de Hume, destacada por Rawls, já que a contemplação do sistema que agrada define a utilidade dos objetos que o compõem (MARIN, QUINTANA & SANTOS; 2015; 200)."***

Não somente o expoente da utilidade pode ser encontrado dentro da análise de Smith na TSM, mas também em certos momentos um viés claramente hedonista, gerando assim um alinhamento com os padrões utilitaristas estabelecidos previamente para análise:

> ***"Portanto, para que algo possa ser objeto completo e apropriado de gratidão ou ressentimento, deve possuir três distintas qualificações. Primeiro, deve ser causa de prazer num caso, e de dor no outro. Segundo, deve ser capaz de perceber essas sensações. E, terceiro, não deve apenas ter produzido essas sensações, mas deve tê-las produzido com um desígnio, e um desígnio que seja aprovado num caso, e desaprovado no outro (SMITH; 2015;194)."***

É importante destacar que, ainda que o conceito seja abordado como um dos impactos na ação em Smith, ele não é protagonista na aprovação da conduta. A "conveniência" na TSM é um expoente para a "simpatia", visto que o sofrer no outro sempre é sentido em uma intensidade diferente, mas esse fator sempre é suprimido ou complementado por outras questões maiores nos cenários apresentados (SMITH; 2015;107), como a nobreza do ato ou o senso particular de justiça.

> ***"Hume considerou que as ações virtuosas são aquelas que são úteis ou agradáveis, seja para a própria pessoa, seja para a outra pessoa. Todavia, essa utilidade não pode ser a fonte principal da aprovação ou desaprovação moral das ações e condutas; os sentimentos são distintos,***

> ***entre o compartilhar afetos e o contemplar sistemas funcionais, e principalmente porque o senso de conveniência é distinto da percepção de utilidade. A ideia de utilidade é refinada no pensamento smithiano. Contemplar o bom funcionamento das instituições, a ordem do sistema, sentir prazer nessa contemplação, não constitui o elemento essencial para a aprovação da conduta. O senso de conveniência supera essa restrição estética da utilidade e oferece outros elementos para o julgamento moral (MARIN, QUINTANA & SANTOS; 2015; 201).”***

A TSM teoriza sobre sentimentos morais, a forma como eles formam os juízos e se relacionam com as noções de virtude, do bom e do justo, Smith foi pioneiro ao levar esses sentimentos em consideração na própria noção de utilidade, chegando a conclusão de que mais importante que a própria utilidade são as considerações que são feitas em relação à mesma (MULLER, 2022). Essa ligação de Smith com o utilitarismo ético certamente teve implicações permanentes na ciência econômica, atualmente, séculos depois de todos esses debates apresentados, termos como utilidade e sua maximização são amplamente usados em diversas universidades para o ensino introdutório da economia (MANKIW; 2010).

Há um direcionamento à postura positiva visível no decorrer da vida de Adam Smith, que é bastante explícito quando se compara a Teoria dos Sentimentos Morais com a Riqueza das Nações. O intuito do seu livro não era fazer juízos de valor sobre a organização da sociedade, mas sim descrevê-los e expor suas causas e consequências, por conta disso. Não é de se esperar que haja uma comparação de quais fatores são de natureza mais perfeita na formação dos juízos morais do espectador. A nosso ver, há uma separação da condição ideal do homem com a condição acidental do indivíduo. Enquanto a conduta do homem ideal serve como régua para a formação dos juízos em sociedade, o egoísmo que futuramente seria abordado é um dos potencializadores da relevância do fator conveniência dentro do mesmo âmbito. Entendemos que esse é o sentido do “sistema Smithiano” para ser analisado.

3.1 Ética da virtude em Adam Smith

Encontrar evidências para a conexão entre a ética da virtude e a teoria moral de Smith ao nosso ver é uma busca muito menos onerosa do que o enquadramento de Smith como utilitarista. Isso porque já em uma leitura superficial da TSM é evidente uma constante ênfase em virtudes individuais como a benevolência, a prudência e a justiça, especialmente quanto ao juízo destinado

aos outros em relação a essas virtude na medida em que posicionamos o "espectador imparcial" (RAPHAEL; 2007).

Smith desenvolve durante boa parte da TSM uma teoria sobre as virtudes, é característico de sua filosofia o ensino humanístico da ética voltado para homens exemplares, pode-se averiguar esse ênfase ao perceber que as três virtudes previamente citadas protagonizam suas três obras principais, a TSM, a Riqueza das Nações e seu incompleto Tratado de Jurisprudência (MCCLOSKEY; 2007).

Ao se aprofundar no estudo da imaginação e moral em Smith comprova-se mais a radicalidade desse viés em sua filosofia, Muller (2022) atesta que o sistema moral proposto é fundamentado no sentimento, seja ele interno ou externo, a partir desse postulado que se desenvolve e é estabelecido todo o estudo das virtudes e das percepções do homem sobre elas ou da falta delas. A TSM vem com uma proposta revolucionária para a tradição da ética jusnaturalista onde os sentimentos são parte do fomento à formação do senso de virtude, em Smith, por exemplo, o ressentimento se torna base natural da justiça (MULLER;, 2022).

Mesmo antes de tanger o âmbito do juízo sobre as ações, as congruências surgem quando se aborda o juízo sobre os agentes. Um paralelo forte pode ser feito com a ética aristotélica quando Smith afirma que toda faculdade de um homem é a medida pela qual ele julga a mesma faculdade em outro (SMITH; 2015; 96), que pode ser exemplificado principalmente em trechos dos primeiros livros do Ética a Nicômaco.

> ***"Ao julgar pelas vidas [dos seres humanos]. no que respeita ao bem ou à felicidade, os indivíduos em geral e os mais vulgares parecem identificar um e outra com o prazer (...) O grosso da espécie humana se revela inteiramente vil, sua preferência é por uma vida própria do gado (...) Pessoas refinadas e de ação pensam que o bem é a honra (...) Ao menos, procuram ser honrados por homens de discernimento e que o conhecem"***[15]

Seria desconexo com a realidade esperar que uma das correntes de pensamento ético, já milenar na época em que Smith escrevia, não exercesse impacto no senso comum e por consequência no raciocínio adotado na TSM. Essa estruturalidade do pensamento não seria um indicativo consistente para implicar uma concordância completa. Porém, um dos principais pontos que sugerem uma corroboração ativa com uma linha mais aristotélica é a postura smithiana perante à não-virtude.

---

[15] ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco, I, 1095b15 à 30.

O autor da TSM não somente se deixa levar pela noção natural de um ideal a ser perseguido, criando então uma tese voltada para a construção de uma teoria moral alinhada com o homem magnânimo de Aristóteles, como também considera como superior a todos os males ser tido como desprezível, inferior ou não virtuoso pelos outros:

> ***"A virtude humana é superior a dor, à pobreza, ao perigo e à morte nem ao menos requer seus maiores esforços para desprezá-los. Mas ter sua desgraça exposta ao insulto e ridículo, ser conduzido em triunfo para ser exposto à mão em riste do escárnio, é a situação na qual sua constância tende mais a falhar. Comparados com o desprezo dos homens, todos os outros males externos são facilmente suportados (SMITH; 2015 ;146-147)."***

Um outro fator que atribui fortemente um maior comprometimento à busca do caráter virtuoso no homem como maior régua moral é a noção de dever atribuída por Smith ao fim ideal. Na segunda seção da TSM, onde é feita a comparação entre as virtudes da justiça e beneficência, é possível encontrar um exemplo claro e palpável para ilustrar essa questão:

> ***"Sua falta de gratidão, portanto, não pode ser punida. Obrigá-lo pela força a cumprir o que deveria cumprir pela gratidão – e cada espectador imparcial aprovaria se assim o fizesse – seria, se possível, ainda mais impróprio do que sua negligência. Seu benfeitor ficaria desonrado se tentasse coagi-lo à gratidão, e seria impertinente que um terceiro qualquer, que não fosse superior a nenhum dos dois, intermediasse. Mas de todos os deveres da beneficência, os que a gratidão nos recomenda são os que mais se aproximam do que chamamos perfeita e completa obrigação."***[16]

A gratidão não é apenas a cortesia de um homem virtuoso, mas se assemelha a um dever exigido socialmente, uma imposição ética do convívio civilizado.

É interessante notar que essa imposição ética apresentada por Smith não é uma regra conhecida apenas pelos nobres de alma e os que buscam um caráter virtuoso, mas que por ser uma verdade, está presente no juízo moral de todos.

---

[16] Ibid., p.173.

> ***"Todos os homens, mesmo os mais ignorantes e estúpidos, têm horror à fraude, perfídia e injustiça, e regozija-nos vê-las punidas. Mas poucos homens refletiram sobre a necessidade da justiça para a existência da sociedade, por mais evidente que essa necessidade possa parecer."*** [17]

Para Smith uma sociedade composta de pessoas ressentidas desaba, consequentemente. O homem que ama a sociedade por natureza detesta tudo que é injusto, seja por conhecimento ou por instinto.

4. Considerações finais

Adam Smith tem uma teoria extensa sobre o homem, como ele age e como a sociedade se comporta e deve funcionar. Tendemos a concordar com os autores apresentados quando afirmam que o Smith filósofo é consistente com o Smith economista, mesmo que hajam conflitos semânticos, textos abrangentes e posicionamentos que, sem o devido cuidado, podem levar uma leitura com muitas ambiguidades e interpretações, visto que esse debate ainda existe e ainda tem continuidade por estudiosos contemporâneos.

Já a definição de Smith estritamente como utilitarista, que leva a um *homo oeconomicus* mais individualista e a um posicionamento mais liberal em relação ao mercado, não aparenta ser tão convincente diante dos pontos apresentados durante este trabalho. Tratar Smith como um utilitarista tendo em vista sua preocupação com as questões de justiça e harmonia social que estão presentes não somente na TSM, mas também na Riqueza das nações, parecem ser suprimidas em virtude de uma necessidade de categorizá-lo numa predicação limitante, ou até talvez servindo a um propósito político que favorece a uns e desfavorece a outros.

No entanto, nessas considerações finais desse estudo, o apontamento de Adam Smith como um completo aristotélico, ou mesmo um assíduo defensor da utilização da régua idealizada do homem virtuoso para todos os juízos e sentimentos morais, não é suficiente. Evidencia-se que esse cerne está presente nas partes vitais de sua teoria, e consequentemente, precisa ser levado em consideração nas análises que visam sintetizar seu pensamento e como podemos entender a Economia Política.

O fato de Smith ter contribuído para o surgimento da ética utilitarista e ter sido um dos primeiros a levar a ideia de utilidade como fator relevante na formação dos juízos morais e suas

[17] Ibid., p.185-186.

consequências subsequentes não o torna um utilitarista, mas aponta para a riqueza de sua obra e sua relevância no espaço acadêmico talvez como um pensador de transição. O que, nesse sentido, demanda mais estudos.

Esperamos ter mostrado que a abordagem do valor utilidade em Smith não é protagonista em seu sistema de pensamento, mas sim complementar ao egoísmo e a simpatia na sua análise da agência humana, que culmina numa posição não alinhada com nenhuma das correntes apresentadas, mas sim, alimentando-se de aspectos de ambas, aparentando então ter uma natureza *sui generis*, enriquecedora na discussão moral dadas as circunstâncias históricas. Os fundamentos da Economia Política que partem dessas considerações implica em tomar novos posicionamentos teóricos e metodológicos para que possamos compreender como foi apropriado pelo pensamento econômico e social posterior.

5. Referências bibliográficas

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. História da Filosofia - Volume 3 - Do Humanismo a Descartes. São Paulo: Paulus, 2005.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.
BERNS, Laurence. Aristotle and Adam Smith on justice: cooperation between ancients and moderns?. The Review of Metaphysics, p. 71-90, 1994.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Mario da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. ISBN 85-230-0011-9.

ASSUNÇÃO, Juliana Cristhina Murari; SILVA, Paulo Fraga da. A ética e seus pressupostos filosóficos de acordo com Platão e Aristóteles. *Revista Foco*, Curitiba, v. 16, n. 3, e1444, p. 1–14, 2023. DOI: https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n3-134.

BIANCHI, Ana Maria. A Pré-História da Economia: De Maquiavel a Adam Smith. São Paulo: Hucitec, 1998.

CAMPBELL, T. D. Adam Smith's Science of Morals. Londres: Routledge, 2009.

CANNAN, Edwin. Introdução. In: SMITH, Adam. A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. Volume I. Apresentação de Winston Fritsch. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996.

FITZGIBBONS, Athol. Adam Smith's system of liberty, wealth, and virtue: The moral and political foundations of the wealth of nations. Oxford University Press, 1995.

HENDERSON, W. O. (2006). Evaluating Adam Smith. Milton: Routledge Books.

HOOFT, Stan Van. A Ética da Virtude. Petrópolis: Vozes, 2013.

HUNT, E. K.; SHERMAN, Howard J. História do pensamento econômico. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

MANKIW, N. Gregory. Introdução à economia. Tradução da 6ª edição norte-americana. São Paulo: Cengage Learning, 2010. 838 p. ISBN 978-85-221-0705-6.

MARIN, Solange Regina; QUINTANA, André Marzulo; SANTOS, Cezar Augusto Pereira dos. O Espectador Imparcial de Adam Smith e o Observador Ideal de John Rawls: Uma Crítica à Ética Utilitarista. Estudos Econômicos - Instituto de Pesquisas Econômicas, v. 45, n. 1, p. 185-214, 2015.

MCCLOSKEY, Deirdre. Adam Smith, the last of the former virtue ethicists. History of Political Economy, v. 40, n. 1, p. 43-71, 2008.

MILL, John Stuart. Utilitarismo. Tradução, introdução e notas de Pedro Galvão. Porto: Porto Editora, 2005.

MONTES, Leonidas. Adam Smith in Context: a critical reassessment of some central components of his thought. Springer, 2003.

MÜLLER, Leonardo André Paes. Imaginação e moral em Adam Smith: estudos sobre a Teoria dos Sentimentos Morais. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2022. ISBN 978-65-5966-056-8.

MULGAN, Tim. Utilitarismo. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Série Pensamento Moderno).

PONTES, André; NEIVA, André. *Ensaios de filosofia da economia*. Florianópolis: NEL/UFSC, 2025. (Coleção Rumos da Epistemologia, v. 25). ISBN 978-65-989867-1-1.

RAPHAEL, David Daiches. The impartial spectator: Adam Smith's moral philosophy. Clarendon Press, 2007.

RONCAGLIA, Alessandro. The Wealth of Ideas: A History of Economic Thought. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ROSEN, Frederick. Classical utilitarianism from Hume to Mill. Routledge, 2005.

SMITH, Adam. Teoria dos sentimentos morais, ou, Ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos, acrescida de uma dissertação sobre a origem das línguas. Tradução de Lya Luft; revisão Eunice Ostrensky. 2.ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. (Coleção Clássicos WMF)

URMSON, J. O. The interpretations of Mill. Philosophical Quarterly, v. 3, 1953. Reprinted with permission of the author and the Editor of the Philosophical Quarterly.

VALCARCE, A. El utilitarismo y la teoría moral de Adam Smith. Revista Empresa y Humanismo, v. 13, n. 1, p. 269-296, 7 mar. 2016.

ZANUZZI, Inara. A Amizade Em Aristóteles: Política, III, 9 e Ética Nicomaqueia, VIII. DoisPontos, v. 7, n. 2, p. 11-28, 2010.